

"Follett é um mestre das reviravoltas habilidosas
e dos detalhes impressionantes." — *Time Magazine*

KEN FOLLETT



TRIPLA
ESPIONAGEM

PRÓLOGO

HOUVE UMA OCASIÃO, apenas uma, em que todos se reuniram. Encontraram-se há muitos anos, quando eram jovens, antes de tudo *isso* acontecer; mas o encontro projetou sombras que se estenderam por décadas.

Para ser mais exato, foi no primeiro domingo de novembro de 1947, e cada um se encontrou com todos os outros. Mais do que isso: por alguns minutos, todos estiveram na mesma sala. Alguns esqueceram imediatamente os rostos que viram e os nomes que ouviram nas apresentações formais. Outros chegaram a esquecer o dia inteiro. E, 21 anos depois, quando isso se tornou importante, tiveram de fingir que recordavam, olhando para fotografias desbotadas e murmurando: “Ora, é isso mesmo”, como se a lembrança estivesse nítida.

Esse primeiro encontro foi coincidência, mas não das mais surpreendentes. Eram jovens e bem-preparados, estavam fadados a alcançar o poder, tomar decisões, promover mudanças, cada um à sua maneira, em seus diferentes países. E pessoas assim frequentemente se encontram na juventude em lugares como a Universidade de Oxford. E, no momento em que tudo isso aconteceu, os que não estavam inicialmente envolvidos acabaram sendo tragados simplesmente porque tinham estado com os outros em Oxford.

Contudo, na ocasião não pareceu se tratar de um encontro histórico. Foi apenas outro pequeno coquetel num lugar em que havia muitos pequenos coquetéis (e pouca bebida, como os estudantes sempre ressaltavam). Um acontecimento rotineiro. Ou quase.



Al Cortone bateu à porta e ficou no corredor esperando que um defunto a abrisse.

A suspeita de que o amigo estivesse morto se transformara em convicção ao longo dos últimos três anos. Primeiro, Cortone soubera que Nat Dickstein fora feito prisioneiro. No fim da guerra, começaram a circular histórias sobre o que acontecia aos judeus nos campos de concentração nazistas. Depois, a terrível verdade fora finalmente revelada.

No outro lado da porta, um fantasma arrastou uma cadeira e cruzou o cômodo.

Cortone ficou nervoso. E se Dickstein estivesse inválido, deformado? E se estivesse desequilibrado? Cortone jamais soubera lidar com aleijados e loucos. Ele e Nat haviam sido amigos íntimos durante uns poucos dias, em 1943. Mas como o outro estaria agora?

A porta se abriu.

– Oi, Nat – disse Cortone.

Dickstein primeiro o encarou, depois seu rosto se abriu num sorriso e ele murmurou uma de suas expressões típicas das classes trabalhadoras de Londres:

– Deus, será possível!

Cortone retribuiu o sorriso, aliviado. Cumprimentaram-se com apertos de mãos e tapinhas nas costas, trocaram palavras típicas de soldados, só por falar, depois entraram.

O lar de Dickstein era um quarto de pé-direito alto numa casa antiga na parte mais depreciada da cidade. Tinha uma cama de solteiro impecavelmente arrumada à maneira militar, um armário de madeira escura combinando com uma cômoda, além de uma mesa atulhada de livros que ficava diante da pequena janela. Cortone achou o quarto vazio. Se vivesse ali, trataria de espalhar itens pessoais para transformá-lo em um lugar que parecesse seu: fotografias da família, suvenires das cataratas do Niágara e de Miami, o troféu de futebol americano conquistado na escola secundária.

– Preciso perguntar uma coisa – falou Dickstein. – Como conseguiu me encontrar?

– Não foi fácil – respondeu Cortone enquanto tirava o paletó do uniforme e o estendia na cama estreita. – Gastei quase o dia todo ontem.

Ele olhou para a única poltrona que havia no quarto. Os braços estavam inclinados em ângulos estranhos, uma mola emergia do tecido no meio de um crisântemo desbotado, um dos pés fora substituído por um exemplar do *Teeteto*, de Platão.

– Isso aí aguenta um ser humano?

– Não acima do posto de sargento. Mas...

– Mas eles não são humanos mesmo.

Os dois riram. Era uma piada antiga. Dickstein puxou uma cadeira da mesa e se jogou nela. Olhou para o amigo de alto a baixo por um momento, depois comentou:

– Está engordando.

Cortone apalpou a barriga ligeiramente volumosa.

– Passamos muito bem em Frankfurt. Não sabe o que está perdendo por ter sido desmobilizado – disse e, inclinando-se para a frente, baixou a voz, como se fosse acrescentar algo confidencial: – Estou ganhando uma *fortuna*. Joias, porcelanas, antiguidades... tudo comprado com cigarros e sabonetes. Os alemães estão famintos. E, o que é o melhor, as garotas alemãs estão dispostas a fazer qualquer coisa em troca de uma barra de chocolate.

Recostou-se na poltrona frágil à espera de uma risada. Porém Dickstein apenas o fitou de modo inexpressivo. Desconcertado, Cortone mudou de assunto:

– Uma coisa que você não está é gordo.

A princípio, ele ficara tão contente por descobrir que Dickstein estava inteiro e sorrindo, o mesmo sorriso de antes, que não o examinara com atenção. Mas agora percebia que o amigo estava mais do que magro: parecia quase que totalmente consumido. Nat Dickstein sempre fora baixo e esguio, mas agora parecia ser apenas ossos. A pele de um branco cadavérico e os grandes olhos castanhos por trás de óculos de aros de plástico acentuavam o efeito. Entre o alto da meia e a bainha da calça apareciam uns poucos centímetros de canelas pálidas e finas feito gravetos. Quatro anos antes, Dickstein fora moreno, vigoroso, tão forte e resistente quanto as solas de couro de suas botas do Exército britânico. Sempre que Cortone falava a respeito de seu companheiro inglês – o que acontecia com frequência –, dizia: “O soldado mais durão e impiedoso que já salvou minha vida. E não estou exagerando.”

– Gordo? Não, não estou nem poderia estar – rebateu Dickstein. – Este país ainda vive à base de rações mínimas, companheiro. Mas damos um jeito de aguentar a situação.

– Já enfrentou piores.

Dickstein sorriu.

– E comi pior.

– Foi prisioneiro.

– Em La Molina.

– Como conseguiram pegá-lo?

– Foi fácil – falou Dickstein dando de ombros. – Levei um tiro na perna e desmaiei. Quando recuperei os sentidos, estava num trem alemão.

Cortone olhou para as pernas de Dickstein.

– E a perna sarou?

– Tive sorte. Havia um médico no meu vagão de prisioneiros de guerra. Ele cuidou dela.

Cortone assentiu.

– E depois o campo... – instigou.

Supôs que não deveria perguntar sobre isso, mas queria saber o que acontecera.

Dickstein desviou os olhos.

– Ficou tudo bem até descobrirem que eu era judeu. Quer uma xícara de chá? Não tenho condições de comprar uísque.

Cortone desejou ter ficado de boca fechada.

– Não, obrigado. Parei de tomar uísque de manhã. A vida já não parece tão curta como antes.

Os olhos de Dickstein voltaram a se fixar em Cortone.

– Decidiram descobrir quantas vezes uma perna podia ser quebrada no mesmo lugar e depois curada.

– Deus do céu! – A voz de Cortone saiu num sussurro.

– Essa foi a melhor parte – disse Dickstein, sem qualquer inflexão, tornando a desviar os olhos.

– Desgraçados!

Cortone não podia pensar em mais nada para dizer. Havia uma expressão estranha no rosto de Dickstein, algo que ele nunca vira. Algo muito semelhante a medo, ele compreendeu um momento depois. O que era muito estranho. Afinal, tudo acabara, não?

– Mas pelo menos ganhamos, não é mesmo?

Ele deu um soco de leve no ombro de Dickstein, que tornou a sorrir.

– Ganhamos. E agora me diga: o que está fazendo na Inglaterra? E como me descobriu?

– Estou voltando para Buffalo e consegui fazer uma parada em Londres. Fui ao Gabinete de Guerra...

Cortone hesitou. Fora ao Gabinete de Guerra para descobrir como e quando Dickstein morreria.

– Deram-me um endereço em Stepney. Quando cheguei lá, descobri que só restava uma casa de pé em toda a rua. E nessa casa, sob uma camada grossa de poeira, encontrei um velho.

– Tommy Coster.

– Isso mesmo. Depois que tomei dezenove xícaras de um chá fraco e

escutei a história da vida dele, ele me despachou para outra casa, depois da esquina, onde encontrei sua mãe, tomei mais chá fraco e ouvi a história da vida dela. Quando finalmente consegui seu endereço, já era tarde demais para pegar o último trem para Oxford. Esperei pela manhã e aqui estou. Só tenho umas poucas horas livres. Meu navio parte amanhã.

– Recebeu baixa?

– Dentro de três semanas, dois dias e 94 minutos.

– O que vai fazer quando chegar em casa?

– Administrar os negócios da família. Nos últimos dois anos, descobri que sou um tremendo homem de negócios.

– E qual é o negócio da sua família? Nunca me contou.

– Transporte em caminhões. E você? Que diabo veio fazer na Universidade de Oxford? O que está estudando?

– Literatura hebraica.

– Está brincando...

– Nunca lhe contei que já sabia escrever em hebraico antes mesmo de ir para a escola? Meu avô era um verdadeiro intelectual. Vivia num cômodo malcheiroso em cima de uma pastelaria na Mile End Road. Eu ia para lá todos os sábados e domingos, desde sempre. Nunca me queixei. Adorava visitá-lo. Além do mais, que outra coisa eu poderia estudar?

Cortone deu de ombros.

– Sei lá... talvez física atômica ou administração. Na verdade, para que estudar?

– Para ser feliz, culto e rico.

Cortone balançou a cabeça.

– Você continua esquisito como sempre. Há muitas mulheres por aqui?

– Bem poucas. E ando ocupado demais para me dedicar a isso.

Cortone teve a impressão de que Dickstein corava.

– Mentiroso. Está apaixonado, seu tolo. Dá para perceber. Quem é ela?

– Para ser franco... ela está além da minha alçada. Esposa de um professor – confessou Dickstein, constrangido. – Exótica, inteligente, a mulher mais linda que já vi.

– Não soa nada promissor, Nat – falou Cortone, com uma expressão de incerteza.

– Sim, eu sei. Mesmo assim... – continuou Dickstein e se levantou. – Você poderá constatar isso pessoalmente.

– Vou conhecê-la?

– Fui convidado para um coquetel na casa do professor Ashford e estava me preparando para sair quando você chegou.

Dickstein vestiu o paletó.

– Um coquetel em Oxford! – exclamou Cortone. – Espere só até o pessoal de Buffalo saber disso!



Era uma manhã fria e clara. O sol pálido se derramava sobre as pedras cor de creme dos velhos edifícios da cidade. Caminharam num silêncio confortável, mãos nos bolsos, ombros encurvados contra o vento inclemente de novembro que assoviava pelas ruas.

– A cidade das torres dos sonhos. Que coisa! – murmurava Cortone a todo instante.

Havia poucas pessoas pelas ruas. Depois de caminharem por pouco mais de um quilômetro, Dickstein apontou para um homem alto no outro lado da rua, com o cachecol da universidade enrolado no pescoço.

– Lá está o russo – falou e depois gritou: – Ei, Rostov!

O russo levantou a cabeça, acenou e atravessou a rua. Tinha o cabelo curto, no estilo militar, e era alto e magro demais para o terno produzido em série. Cortone começava a achar que todos eram magros naquela terra.

– Rostov é da minha faculdade – contou Dickstein. – David Rostov, Alan Cortone. Al e eu estivemos juntos na Itália por algum tempo. Vai à casa de Ashford, Rostov?

O russo assentiu solenemente.

– Qualquer coisa por um drinque grátis.

– Também está interessado em literatura hebraica? – perguntou Cortone.

– Não. Estou aqui para estudar economia burguesa.

Dickstein desatou a rir. Cortone não percebeu onde estava a graça e o outro explicou:

– Rostov é de Smolensk. E é membro do Partido Comunista da União Soviética.

Cortone continuou sem entender a piada.

– Pensei que ninguém tivesse permissão para sair da Rússia – comentou ele.

Rostov se lançou a uma longa e complicada explicação que tinha algo a ver com o fato de seu pai ser diplomata no Japão quando a guerra começara.

Exibia uma expressão fervorosa, que de vez em quando cedia lugar a um sorriso irônico. Embora seu inglês fosse imperfeito, conseguiu dar a Cortone a impressão de ser superior aos demais.

Cortone parou de prestar atenção e começou a divagar sobre como era possível amar um homem como a um irmão, lutando lado a lado, e depois ele ir estudar literatura hebraica e fazê-lo compreender que não o conhecia de verdade.

– Já decidi se vai à Palestina? – perguntou Rostov a Dickstein em dado momento.

– Palestina? – interveio Cortone. – Para quê?

Dickstein pareceu nervoso.

– Ainda não decidi.

– Você deveria ir – comentou Rostov. – A pátria dos judeus vai ajudar a destruir o que resta do Império Britânico no Oriente Médio.

– É essa a linha do partido? – indagou Dickstein, com um ligeiro sorriso.

– É, sim – respondeu Rostov, muito sério. – Você é socialista...

– De certa forma.

– E é importante que o novo Estado seja socialista.

Cortone mal pôde acreditar.

– Os árabes estão assassinando todos os judeus por lá! Nat, você acabou de escapar dos alemães!

– Ainda não decidi – repetiu Dickstein, balançando a cabeça num gesto de irritação. – Não sei o que fazer.

Era evidente que não queria conversar a respeito.

Caminhavam a passos largos. O rosto de Cortone estava congelado, mas ele suava bastante dentro do uniforme de inverno. Os outros dois começaram a debater sobre um escândalo. Um homem chamado Mosley – o nome nada significava para Cortone – conseguira entrar em Oxford num furgão e fizera um discurso no Memorial dos Mártires. Cortone percebeu um momento depois que Mosley era fascista. Rostov argumentou que o incidente provava que a social-democracia se assemelhava mais ao fascismo que o comunismo. Dickstein alegou que os estudantes que haviam promovido o escândalo queriam apenas causar comoção.

Cortone os escutava e observava. Formavam uma dupla estranha: Rostov alto, de cachecol no pescoço feito uma atadura listrada e calças curtas demais que se agitavam como bandeiras a cada passada comprida; Dickstein baixo, com olhos grandes e óculos redondos, usando suas roupas de soldado

desmobilizado, mais parecendo um esqueleto inquieto. Cortone não era nenhum acadêmico, mas se considerava bom em farejar balelas em qualquer idioma. Sabia que nenhum dos dois dizia o que de fato pensava: Rostov repetia feito um papagaio uma espécie de dogma oficial, enquanto a leve indiferença de Dickstein encobria outra atitude, mais profunda. Quando Dickstein rira de Mosley, parecera uma criança rindo depois de um pesadelo. Os dois discutiam com inteligência, mas sem emoção. Era como um duelo de esgrima com espadas sem corte.

Por fim Dickstein notou que Cortone estava sendo excluído da conversa e se pôs a falar sobre o anfitrião que iria recebê-los:

– Stephen Ashford é um tanto excêntrico, mas um homem extraordinário. Passou a maior parte da vida no Oriente Médio. Dizem que ganhou uma pequena fortuna e depois a perdeu. Já fez loucuras como atravessar o deserto da Arábia em um camelo.

– Essa pode ser a maneira menos louca de atravessá-lo – comentou Cortone.

– A esposa de Ashford é libanesa – acrescentou Rostov.

Cortone olhou para Dickstein.

– Ela é...

– Ela é mais nova que o marido – apressou-se Dickstein a dizer. – Ashford a trouxe para a Inglaterra pouco antes da guerra e se tornou professor de literatura semítica aqui. Se ele lhe der vinho Marsala em vez de xerez, significa que você já ficou mais tempo do que deveria.

– E alguém sabe a diferença? – questionou Cortone.

– Esta é a casa dele.

Cortone estava meio que esperando uma casa inspirada na arquitetura mourisca, mas a residência de Ashford seguia o estilo Tudor, pintada de branco, com portas e janelas verdes. O jardim na frente era uma selva de arbustos diversos. Os três jovens subiram por um caminho de tijolinhos até a casa. A porta da frente estava aberta. Entraram num vestíbulo pequeno e quadrado. O som de risadas veio de dentro: a festa já começara. Uma porta dupla se abriu e a mulher mais linda do mundo apareceu.

Cortone ficou hipnotizado. Parou perplexo, contemplando-a enquanto ela atravessava o tapete para cumprimentá-los. E ouviu Dickstein dizer:

– Este é meu amigo Alan Cortone.

E de repente ele estava apertando a mão morena e comprida, quente e seca, delicada, não querendo largá-la nunca mais.

Ela se virou e os levou para a sala. Dickstein tocou no braço de Cortone e sorriu. Sabia o que passava pela mente do amigo.

Cortone recuperou o controle o suficiente para murmurar:

– Uau!

Pequenos copos de xerez estavam alinhados com precisão militar numa mesinha. Ela entregou um a Cortone.

– Sou Eila Ashford – apresentou-se.

Cortone captou detalhes enquanto a mulher distribuía os drinques. Não usava nenhum adorno: nada de maquiagem no rosto impressionante, o cabelo preto era liso e ela usava um vestido branco e sandálias. Ainda assim, o efeito era quase o de nudez, e ele ficou constrangido pelos pensamentos selvagens que surgiram em sua mente ao contemplá-la.

Fez um esforço para desviar os olhos e examinou a sala. Possuía a elegância inacabada de um lugar em que as pessoas viviam ligeiramente abaixo dos seus recursos. O suntuoso tapete persa era margeado por uma faixa de linóleo cinzento já descascando. Alguém estivera consertando o rádio; as peças se espalhavam sobre uma mesa. Havia dois retângulos mais claros no papel de parede onde antes havia quadros pendurados. E alguns copos de xerez não faziam parte do jogo.

Havia cerca de dez pessoas na sala. Um árabe que trajava um elegante terno cinza-claro ao estilo ocidental estava parado junto à lareira, olhando para a madeira trabalhada da cornija. Eila Ashford o chamou.

– Quero apresentá-los a Yasif Hassan, amigo da minha família. Ele está no Worcester College.

– Já conheço Dickstein – disse Hassan.

Ele apertou a mão de todos. Cortone achou que ele era até bonito, para um negro, além de altivo, como acontecia com os que conseguiam ganhar algum dinheiro e eram convidados às casas de brancos.

– Você é libanês? – perguntou-lhe Rostov.

– Palestino.

– Ah! – Rostov prontamente se animou. – E o que acha do plano de partilha das Nações Unidas?

– Irrelevante – respondeu o árabe, languidamente. – Os ingleses devem sair e meu país terá um governo democrático.

– Mas então os judeus ficarão em minoria – argumentou Rostov.

– Eles constituem uma minoria na Inglaterra. Isso é motivo para receberem o Surrey como pátria?

– O Surrey nunca foi deles, mas a Palestina já foi.

Hassan deu de ombros com elegância.

– Foi... quando os galeses tinham a Inglaterra; os ingleses, a Alemanha; e os normandos franceses viviam na Escandinávia – constatou e se virou para Dickstein. – Você tem um bom senso de justiça. Qual é sua opinião?

Dickstein tirou os óculos.

– A justiça não importa. Quero uma terra que possa chamar de minha.

– Mesmo que para isso tenha de roubar a minha? – perguntou Hassan.

– Pode ficar com o resto do Oriente Médio.

– Não quero.

– Essa discussão prova a necessidade da partilha – argumentou Rostov.

Eila Ashford ofereceu uma caixa de cigarros. Cortone pegou um para si e acendeu o dela. Enquanto os outros discutiam sobre a Palestina, Eila perguntou a Cortone:

– Conhece Dickstein há muito tempo?

– Desde 1943.

Ele observou os lábios morenos se fecharem em torno do cigarro. Ela fumava lindamente. Com delicadeza, Eila tirou um pedacinho de tabaco da ponta da língua.

– Estou terrivelmente curiosa a respeito dele.

– Por quê?

– Todo mundo está. Ele é apenas um garoto, mas parece muito *velho*. E não é só isso: Dickstein é obviamente de origem trabalhadora, mas nem por isso se sente intimidado por todos esses ingleses de classes superiores. No entanto é capaz de falar sobre qualquer coisa, menos a respeito de si mesmo.

– Também estou descobrindo que não o conheço de fato – falou Cortone, assentindo.

– Meu marido diz que ele é um aluno brilhante.

– Ele salvou a minha vida.

– Santo Deus!

Eila o fitou com mais atenção, como se imaginasse se Cortone não estaria apenas sendo melodramático. E aparentemente se decidiu a favor dele.

– Gostaria de ouvir a história – pediu.

Um homem de meia-idade trajando uma calça de veludo cotelê folgada a tocou no ombro.

– Como está tudo, minha cara?

– Tudo bem. Sr. Cortone, este é meu marido, professor Ashford.

– Muito prazer.

Ashford era um homem de calvície avançada e roupas que não lhe caíam bem. Cortone esperara um Lawrence da Arábia. E pensou: *Talvez, no fim das contas, Nat tenha uma chance.*

– O Sr. Cortone ia me contar como Nat Dickstein lhe salvou a vida – disse Eila.

– É mesmo?

– Não é uma história longa – afirmou Cortone.

Ele olhou para Dickstein, absorto na conversa com Hassan e Rostov. Percebeu como os três homens exibiam a própria atitude pela maneira como se postavam: Rostov, com os pés separados, sacudindo o dedo como um professor, seguro em seus dogmas; Hassan, encostado numa estante, uma das mãos no bolso, fumando, fingindo que o debate internacional sobre o futuro de sua terra era apenas de interesse acadêmico; Dickstein, com os braços firmemente cruzados, ombros inclinados, cabeça baixa em concentração, a postura denunciando que a imparcialidade de seus comentários era pura mentira. Cortone ouviu “Os ingleses prometeram a Palestina aos judeus” e a resposta: “Cuidado com os presentes de ladrões”. Ele se virou de volta para os Ashfords e começou a lhes contar sua história.

– Foi na Sicília, perto de um lugar chamado Ragusa, uma cidadezinha nas montanhas. Eu comandava uma patrulha pelos arredores. Ao norte da cidade, numa pequena depressão à beira de um bosque, deparamos com um tanque alemão. O tanque parecia abandonado, mas joguei uma granada lá dentro assim mesmo, para não correr riscos. Ao passarmos, ouvi um tiro, um único tiro, então um alemão com uma metralhadora despencou de uma árvore. Ele estava escondido lá em cima, pronto para nos liquidar quando chagássemos um pouco mais perto. Foi Nat Dickstein quem o matou.

Os olhos de Eila faiscaram com algo próximo de excitação, mas o marido empalideceu. Evidentemente, o professor não tinha estômago para histórias de vida e morte. Cortone pensou: *Se isso o deixa transtornado, meu velho, espero que Dickstein jamais lhe conte nenhuma das histórias dele.*

– Os ingleses tinham contornado a cidade pelo outro lado – continuou Cortone. – Nat vira o tanque, assim como eu, e farejara uma armadilha. Avistara o homem de tocaia e, quando aparecemos, esperou para ver se havia outros. Se ele não fosse tão inteligente, eu teria morrido.

Eila e o marido ficaram em silêncio por um momento.

– Não faz tanto tempo, mas esquecemos muito depressa – comentou o professor.

Eila lembrou que precisava dar atenção aos outros convidados, mas, antes de se afastar, disse a Cortone:

– Quero conversar com você mais um pouco antes que vá embora.

Ela atravessou a sala até o lugar em que Hassan tentava abrir uma porta dupla que dava para o jardim. Ashford passou a mão nervosamente pelos cabelos ralos atrás da orelha.

– O público ouve falar de grandes batalhas, mas imagino que o soldado se recorde desses pequenos incidentes pessoais.

Cortone assentiu, pensando que evidentemente Ashford não tinha a menor ideia do que era a guerra e se perguntando se a juventude do professor tinha mesmo sido tão cheia de aventuras como Dickstein alegara.

– Mais tarde, apresentei-o a meus primos... minha família é da Sicília. Comemos massa e tomamos vinho, transformamos Nat em herói. Só ficamos juntos alguns dias, mas fomos como verdadeiros irmãos.

– Posso imaginar.

– Quando soube que ele tinha sido feito prisioneiro, pensei que nunca mais tornaria a vê-lo.

– Sabe o que aconteceu com ele? – perguntou Ashford. – Ele não fala muito...

Cortone deu de ombros.

– Nat sobreviveu aos campos de concentração.

– Teve sorte.

– Será mesmo?

Ashford fitou Cortone por um momento, confuso, depois desviou os olhos, contemplando a sala.

– Esta não é uma típica reunião de Oxford – falou, pouco depois. – Dickstein, Rostov e Hassan são estudantes um tanto excepcionais. Deve conhecer Toby. Ele é o estereótipo do estudante.

Ele chamou um rapaz de rosto vermelho, terno de tweed e gravata larga com estampa estilo paisley.

– Toby, venha conhecer o Sr. Cortone, companheiro de Dickstein na guerra.

Toby apertou a mão de Cortone e lhe perguntou abruptamente:

– Pode me dar alguma informação de bastidores? Dickstein vai ganhar?

– Ganhar o quê?

– Dickstein e Rostov vão jogar uma partida de xadrez e ambos são ótimos – explicou Ashford. – Toby acha que talvez tenha alguma informação sigilosa. Provavelmente quer apostar no resultado.

– Pensei que xadrez fosse um jogo de velhos – comentou Cortone.

– Ah! – exclamou Toby, um tanto alto, esvaziando o copo em seguida.

Tanto ele como Ashford pareceram perplexos com o comentário de Cortone. Uma menina de 4 ou 5 anos surgiu do jardim carregando um gato cinzento já velho. Ashford a apresentou com o orgulho tímido de um homem que se tornara pai na meia-idade:

– Esta é Suza.

– E este é Ezequias – emendou a menina.

Suza tinha a pele e o cabelo da mãe e também seria bonita. Cortone se perguntou se ela seria de fato filha de Ashford. Não havia nada dele na menina. Ela estendeu a pata do gato e Cortone prontamente a apertou.

– Como vai, Ezequias? – disse ele.

Suza se encaminhou para Dickstein.

– Bom dia, Nat. Quer fazer um carinho no Ezequias?

– Ela é muito bonita – comentou Cortone com Ashford. – Preciso falar com Nat. Podem me dar licença?

Aproximou-se de Dickstein, que estava ajoelhado, afagando o gato. Nat e Suza pareciam ser amigos.

– Este é meu amigo Alan – contou Nat à menina.

– Já nos conhecemos.

Ela bateu os cílios. *Aprendeu com a mãe*, pensou Cortone.

– Estivemos juntos na guerra – acrescentou Dickstein.

Suza olhou para Cortone.

– Você matou gente?

Ele hesitou por um instante.

– Claro.

– E não se sente mal por isso?

– Não muito. Eram homens maus.

– Nat se sente mal. É por isso que não gosta de falar sobre essas coisas.

A menina conseguira arrancar mais coisas de Dickstein que todos os adultos juntos. O gato pulou dos braços de Suza com uma agilidade surpreendente. Ela saiu atrás do bicho. Dickstein se levantou.

– Eu não diria que a Sra. Ashford está fora da sua alçada – comentou Cortone, baixinho.

– Acha mesmo?

– Ela não pode ter mais de 25 anos. O marido é pelo menos vinte anos mais velho. E sou capaz de apostar que não está no auge dele. Casaram-se antes da guerra; ela devia ter uns 17 anos na ocasião. E não parecem muito apaixonados.

– Gostaria de poder acreditar em você, Al – falou Dickstein, mas não pareceu tão interessado quanto deveria. – Vamos dar uma olhada no jardim.

Passaram pelas portas de vidro. O sol estava mais forte; o frio cortante desaparecera do ar. Numa imensidão de verde e marrom, o jardim se estendia até o rio. Eles foram se afastando da casa.

– Não está gostando muito – comentou Dickstein.

– A guerra acabou, Nat. Vivemos agora em mundos diferentes. Tudo isso... professores, partidas de xadrez, xerez... é como se eu estivesse em Marte. Minha vida é fazer negócios, brigar com os concorrentes, ganhar algum dinheiro. Pensei em lhe oferecer um emprego na empresa, mas acho que estaria perdendo tempo.

– Alan...

– Mas que diabo, escute! Provavelmente vamos perder contato agora, pois não sou muito de escrever cartas. Mas não esquecerei que lhe devo a vida. Um dia desses, pode querer cobrar a dívida. Sabe onde me encontrar.

Dickstein abriu a boca para falar, mas nesse momento ouviram vozes:

– Não... aqui não... agora não...

Era uma mulher.

– Agora!

Um homem.

Dickstein e Cortone estavam parados atrás de uma sebe espessa que isolava um canto do jardim. Alguém começara a plantar um labirinto de cerca viva e jamais concluíra o trabalho. Havia uma abertura a alguns passos do lugar em que os dois se encontravam, depois a sebe virava em ângulo reto e corria ao longo da margem do rio. As vozes vinham claramente do outro lado das folhagens.

A mulher tornou a falar, a voz baixa, gutural:

– Não faça isso ou eu grito!

Dickstein e Cortone passaram pela abertura na sebe.

Cortone jamais esqueceria o que viu. Olhou para as duas pessoas e depois, estarelecido, para Dickstein. O amigo ficou pálido de tão perplexo,

parecia doente. A boca ficou entreaberta enquanto ele olhava a cena com horror e desespero. Cortone voltou a encarar o casal.

A mulher era Eila Ashford. A saia do vestido fora levantada até a cintura, seu rosto estava corado de prazer e ela beijava Yasif Hassan.

CAPÍTULO UM

OS ALTO-FALANTES DO aeroporto do Cairo emitiram um aviso sonoro como o de uma campanha de porta e depois anunciaram a chegada do voo da Alitalia vindo de Milão: em árabe, italiano, francês e inglês. Towfik el-Masiri deixou a mesa no café e foi para o terraço de observação. Colocou os óculos escuros para olhar a pista de concreto que tremeluzia. O *Caravelle* já tinha pousado e taxiava.

Towfik estava ali por causa de um telegrama. Chegara naquela manhã, enviado por seu “tio” em Roma, em código. Qualquer empresa podia usar códigos para telegramas internacionais, desde que primeiro fornecesse a chave ao departamento de correios. Na prática, eles eram usados em grande parte para poupar dinheiro, para reduzir frases comuns a uma única palavra, e não para transmitir segredos. O telegrama do tio de Towfik, transmitido de acordo com o livro de código registrado, dava detalhes do testamento de sua falecida tia. Mas Towfik tinha outra chave para o código e a mensagem que leu foi:

OBSERVAR E SEGUIR PROFESSOR FRIEDRICH SCHULZ CHEGANDO CAIRO DE MILÃO QUARTA-FEIRA 28 FEVEREIRO 1968 PASSANDO VÁRIOS DIAS. IDADE 51 ALTURA 1,80 METRO PESO 75 QUILOS CABELO BRANCO OLHOS AZUIS NACIONALIDADE AUSTRIACA ACOMPANHANTE ESPOSA APENAS.

Os passageiros começaram a desembarcar do avião e Towfik reconheceu o homem quase imediatamente. No voo havia apenas um homem alto, magro e de cabelos brancos. Usava terno azul-claro, camisa branca e gravata, carregava uma sacola plástica de compras de uma loja de aeroporto, além de uma câmera fotográfica. A esposa era bem mais baixa e usava um vestido curto da moda e uma peruca loura. Ao atravessarem a pista, eles olharam ao redor e farejaram o ar quente e seco do deserto, como a maioria das pessoas que desembarcava pela primeira vez no norte da África.

Os passageiros entraram no saguão de desembarque e sumiram de vista. Towfik esperou no terraço de observação até que as bagagens fossem retiradas da aeronave, depois foi se misturar à pequena multidão que aguardava logo depois da alfândega.

E teve de esperar um bocado. Era algo que não ensinavam: como esperar. Aprendia-se a manejar armas, memorizar mapas, arrombar cofres e matar pessoas com as mãos, tudo nos seis primeiros meses do curso de treinamento. Não havia aulas sobre paciência, exercícios para pés doloridos, seminários sobre o tédio.

Ele começava a ter a impressão de que havia algo estranho, de que deveria ter cuidado, quando percebeu: havia outro agente na multidão.

A mente de Towfik dera o alerta enquanto ele pensava na paciência necessária ali. Na pequena multidão, as pessoas à espera de parentes, amigos ou contatos profissionais que haviam chegado de Milão estavam impacientes. Fumavam sem parar, trocavam o peso do corpo de um pé para o outro, esticavam a cabeça, inquietos. Havia uma família de classe média com quatro crianças, dois homens trajando túnicas tradicionais listradas de algodão, um homem de negócios de terno escuro, uma jovem de pele clara, um motorista com um cartaz anunciando FORD MOTOR COMPANY e...

E um homem paciente.

Como Towfik, ele tinha a pele escura, cabelo curto e usava um terno no estilo europeu. À primeira vista, parecia estar com a família de classe média... assim como Towfik, ao observador superficial, daria a impressão de acompanhar um homem de negócios. O outro agente estava parado de forma displicente, com as mãos nas costas, olhando para a saída de bagagens. Havia uma risca mais clara na pele, ao lado do nariz, como uma cicatriz antiga. Ele a tocou uma vez, no que poderia ser um gesto de nervosismo, e tornou a pôr as mãos para trás.

O problema era só um: será que ele identificara Towfik?

Towfik se virou para o homem de negócios ao seu lado.

– Não entendo por que essas coisas precisam demorar tanto.

Ele sorriu e falou baixinho, a fim de que o homem tivesse de se inclinar, retribuindo o sorriso. Os dois pareciam conhecidos entabulando uma conversa cordial.

– As formalidades demoram mais que o voo – comentou o homem.

Towfik lançou mais um olhar rápido para o outro agente. O homem continuava na mesma posição, observando a saída. Não tentara se camuflar. Será que isso significava que não identificara Towfik? Ou indicava que desconfiara dele e chegara à conclusão de que uma tentativa de camuflagem iria denunciá-lo?

Os passageiros começaram a sair e Towfik compreendeu que não poderia

fazer mais nada. Torceu para que a pessoa que o agente esperava sáisse antes do professor Schulz.

Mas isso não aconteceu. Schulz e a esposa estavam entre os primeiros passageiros que apareceram.

O outro agente se adiantou e apertou-lhes as mãos.

Estava tudo claro agora.

O agente fora receber Schulz.

Towfik observou enquanto o agente chamava os carregadores e depois se afastava com o casal. Passou por outra saída e voltou para seu carro. Antes de entrar, tirou o paletó e a gravata, pôs óculos escuros e um boné branco de algodão. Assim, não poderia ser reconhecido facilmente como o homem que estivera esperando no aeroporto.

Calculou que o agente deixara o carro numa área de estacionamento proibido, perto da entrada principal, por isso seguiu para lá. Estava certo. Avistou os carregadores guardarem a bagagem dos Schulz na mala de um Mercedes cinza de cinco anos. Seguiu adiante.

Guiou seu Renault empoeirado para a estrada que ligava Heliópolis, onde ficava o aeroporto, ao Cairo. Seguiu a 60 quilômetros por hora, mantendo-se na faixa de tráfego mais lento. O Mercedes cinza passou por ele em dois ou três minutos. Towfik acelerou para mantê-la à vista. E decorou a placa, pois sempre era útil reconhecer os carros dos adversários.

O céu começou a ficar nublado. Enquanto avançava pela estrada reta e margeada de palmeiras, Towfik pensou no que descobrira até aquele momento. O telegrama nada lhe informara a respeito de Schulz, exceto sua aparência e o fato de ser um professor austríaco. Mas o encontro no aeroporto lhe permitia deduzir diversas coisas. Houvera uma espécie de tratamento VIP clandestino. Towfik calculou que o agente fosse local; tudo indicava isso: as roupas, o carro, o jeito de esperar. Isso significava que Schulz provavelmente estava ali a convite do governo, mas ele ou as pessoas que viera encontrar queriam que a visita fosse mantida em segredo.

Não era muito. Schulz seria professor de *quê*? Podia ser banqueiro, fabricante de armas, técnico em foguetes ou comprador de algodão. Podia até estar com o Al Fatah, embora Towfik não achasse que Schulz fosse um neonazista. Mesmo assim, qualquer coisa era possível.

Certamente Tel Aviv não considerava Schulz importante, caso contrário não usaria Towfik, jovem e inexperiente, para aquela vigilância. Era até possível que tudo não passasse de outro exercício de treinamento.

Entraram no Cairo pela Shari Ramses e Towfik diminuiu a distância entre o Renault e o Mercedes até deixar apenas um carro entre eles. O Mercedes cinza virou à direita na Corniche al-Nil, depois atravessou o rio pela ponte 26 de Julho e entrou no bairro de Zamalek pela ilha de Gezira.

Havia menos tráfego naquele subúrbio rico e tedioso. Towfik ficou apreensivo com a possibilidade de ser reconhecido pelo agente ao volante do Mercedes. Porém, dois minutos depois, o carro entrou numa rua residencial perto do Clube dos Oficiais, parando diante de um prédio residencial com um jacarandá no jardim. Towfik virou à direita, sumindo antes que as portas do carro se abrissem. Estacionou, saltou, voltou a pé até a esquina. Chegou a tempo de ver o agente e os Schulz entrarem no prédio seguidos por um funcionário que trajava uma túnica tradicional e carregava a bagagem a duras penas.

Towfik olhou para um lado e outro da rua. Não havia lugar em que um homem pudesse fazer hora sem levantar suspeitas. Voltou ao carro, virou a esquina de marcha à ré e estacionou entre dois outros veículos no mesmo lado da rua em que estava o Mercedes.

Meia hora depois, o agente saiu sozinho, entrou no Mercedes e foi embora. Towfik se acomodou para esperar.



A rotina se prolongou por dois dias, depois tudo começou a acontecer.

Até aquele ponto, os Schulz se comportaram como turistas e pareceram se divertir. Na primeira noite, jantaram numa casa noturna e assistiram a uma exibição de dançarinas do ventre. No dia seguinte, visitaram as pirâmides e a Esfinge, almoçaram no Groppi's e jantaram no Nilo Hilton. Na manhã do terceiro dia, levantaram cedo, pegaram um táxi e seguiram para a mesquita de Ibn Tulun.

Towfik deixou o Renault perto do museu Gayer-Anderson e os seguiu. Visitaram a mesquita rapidamente, dando uma olhada superficial, e seguiram para leste pela Shari al-Salibah. Pareciam não ter pressa. Contemplavam chafarizes e prédios, examinavam as lojas pequenas e escuras, observavam as mulheres *baladi* comprarem cebola, pimenta e patas de camelo nas barracas armadas na rua.

Pararam num cruzamento e entraram numa casa de chá. Towfik atravessou a rua até a *sebeel*, um chafariz coberto cercado de portas de ferro tra-

balhado, e contemplou os relevos barrocos nas paredes. Subiu a rua, ainda sem perder de vista a casa de chá, e gastou algum tempo comprando quatro tomates gigantes e disformes de um barraqueiro descalço e de boné branco.

Os Schulz saíram da casa de chá e seguiram pela rua do mercado para o norte, a direção em que Towfik estava. Ali seria mais fácil segui-los, às vezes se adiantando, outras ficando para trás. A senhora Schulz comprou sandálias e uma pulseira de ouro, pagou caro demais por um raminho de menta a um garoto seminu. Towfik se adiantou o bastante para tomar uma xícara de café turco, forte e sem açúcar, debaixo do toldo de um café chamado Nassif.

O casal deixou a rua do mercado e entraram num *souq* coberto especializado em selaria. O professor consultou o relógio de pulso e falou algo para a esposa, dando a Towfik o primeiro ligeiro indício de ansiedade. Passaram a andar um pouco mais depressa, até saírem em Bab Zuweyla, o portão para a cidade murada original.

Por um momento, os Schulz ficaram fora das vistas de Towfik, ocultos por um burro que puxava uma carroça carregada de grandes jarros com as bocas tampadas por jornal amassado. Depois que a carroça passou, Towfik avistou o professor despedindo-se da esposa e entrando num Mercedes cinza velho.

Towfik xingou baixinho.

A porta bateu e o carro se afastou. A senhora Schulz acenou. Towfik conferiu a placa: era o mesmo carro que seguira de Heliópolis ao Cairo. Observou-o rumar para oeste e depois virar à esquerda, para a Shari Port Said.

Esquecendo a senhora Schulz, se virou e saiu correndo.

Caminhavam fazia cerca de uma hora, mas haviam percorrido menos de dois quilômetros. Towfik atravessou o *souq* de selaria e a rua do mercado em disparada, esquivando-se das barracas e esbarrando em homens e mulheres vestidos de preto. Deixou cair o saco de tomates numa colisão com um varredor núbio, até que finalmente alcançou o museu e seu carro.

Sentou-se ao volante, a respiração acelerada, sentindo uma pontada de dor no lado. Ligou o motor e partiu em direção a Shari Port Said.

Não havia muito tráfego, por isso calculou que devia estar logo atrás do Mercedes quando chegou à estrada. Seguiu para sudoeste, passou pela ilha de Roda e atravessou a ponte Gizé, entrando na estrada de Gizé.

Towfik chegou à conclusão de que Schulz não tentara deliberadamente livrar-se de alguém que o seguia. Se o professor fosse um profissional nisso, o teria despistado com a maior facilidade. Ele estava apenas fazendo um

passeio matutino pelo mercado antes de se encontrar com alguém num local combinado. Mas Towfik tinha certeza de que o ponto de encontro e o passeio anterior haviam sido sugeridos pelo agente.

No momento, poderiam estar rumando para qualquer lugar, mas parecia mais provável que estivessem deixando a cidade, caso contrário Schulz poderia simplesmente ter apanhado um táxi em Bab Zuweyla. E aquela era a principal estrada para oeste. Towfik acelerou o máximo possível. Não demorou muito para que só a estrada cinzenta e reta como uma flecha restasse à sua frente, enquanto nas laterais havia apenas areia amarelada e céu azul.

Towfik chegou às pirâmides sem ter alcançado o Mercedes. A estrada se bifurcava ali, seguindo para o norte até Alexandria e para o sul até Faiyum. Pelo lugar em que o Mercedes apanhara Schulz, aquele seria um caminho improvável para Alexandria, dando uma volta desnecessária. Assim, Towfik seguiu na direção de Faiyum.

Quando finalmente avistou o carro, ele estava atrás dele, aproximando-se depressa. Antes de alcançá-lo, virou à direita, saindo da estrada principal. Towfik freou bruscamente, fez a volta com o Renault e pegou o desvio. O outro veículo já estava mais de um quilômetro à sua frente, na estrada secundária. Towfik o seguiu.

Era uma situação perigosa. A estrada provavelmente se estendia pelo Deserto Ocidental, talvez até o campo petrolífero de Qattara. Parecia pouco usada e um vento forte poderia cobri-la com uma camada de areia. O agente no Mercedes perceberia que estava sendo seguido. Se fosse um bom agente, o Renault poderia até fazê-lo recordar-se do trajeto de Heliópolis ao Cairo dias antes.

Era num lugar assim que seu treinamento de nada valia: a camuflagem cuidadosa e os truques do ofício eram inúteis. Sendo avistado ou não, era necessário continuar a seguir a pessoa, porque o importante era descobrir seu destino. E se não conseguisse pelo menos isso, então um agente não prestava para nada.

Por isso Towfik lançou ao vento do deserto toda a prudência e foi atrás do Mercedes. Mas mesmo assim acabou perdendo de vista o veículo cinza.

O Mercedes era um carro mais veloz e preparado para a estrada estreita e esburacada. Já tinha sumido poucos minutos depois. Towfik continuou pela estrada, na esperança de alcançar o outro agente quando parasse ou pelo menos de passar por algo que pudesse ser seu destino.

Sessenta quilômetros adiante, em pleno deserto, começando a ficar

preocupado com a possibilidade de a gasolina acabar, Towfik alcançou uma pequena aldeia num oásis, onde havia um entroncamento. Uns poucos animais esqueléticos pastavam na vegetação escassa em torno de um poço lamacento. Um jarro de favas e três latas de Fanta numa mesa improvisada diante de uma cabana indicavam o café local. Towfik saltou do carro e se dirigiu a um velho que molhava um búfalo descarnado.

– Por acaso viu um Mercedes cinza passar por aqui? – perguntou.

O camponês fitou Towfik com uma expressão impassível, como se ele estivesse falando uma língua estrangeira.

– Viu um carro cinza?

O velho afastou uma imensa mosca preta de sua testa e assentiu, uma única vez.

– Quando?

– Hoje.

Era provavelmente a resposta mais precisa que poderia esperar.

– Para que lado foi?

O velho apontou para oeste, na direção do deserto.

– Onde posso conseguir gasolina? – indagou Towfik.

O homem apontou para o leste, na direção do Cairo. Towfik lhe deu uma moeda e voltou ao carro. Ligou o motor e olhou mais uma vez para o medidor. Tinha combustível suficiente para voltar ao Cairo, nada mais. Se continuasse para oeste, ficaria sem gasolina para a viagem de volta.

Decidiu que fizera todo o possível. Desolado, manobrou o Renault e voltou ao Cairo.



Towfik não gostava de seu trabalho. Quando era monótono, ficava entediado; quando era emocionante, ficava apavorado. Mas tinham dito a ele que havia tarefas importantes e perigosas a serem feitas no Cairo e que ele tinha as qualidades necessárias para ser um bom espião. Além disso, não havia judeus egípcios em quantidade suficiente em Israel para que pudessem arrumar outro com todas as qualidades indispensáveis caso ele dissesse não. Por isso, é claro que Towfik concordara. Não era por idealismo que arriscava a vida por seu país. Era mais por interesse próprio. A destruição de Israel implicaria a própria destruição; lutando por Israel, estava lutando por si mesmo; arriscava a vida para salvar a própria pele. Era

a estratégia lógica. Mesmo assim, ele aguardava o momento – dentro de cinco anos? Dez? Vinte? – em que estaria velho demais para o trabalho de campo e o mandariam voltar para casa e ficar atrás de uma escrivadinha. Ele poderia arrumar uma boa moça judia, casar-se e acomodar-se para desfrutar a terra pela qual lutara.

Enquanto isso, tendo perdido de vista o professor Schulz, Towfik decidiu seguir a esposa dele.

Ela continuou a visitar os pontos turísticos da cidade, escoltada agora por um jovem árabe, presumivelmente destacado pelos egípcios para tomar conta dela na ausência do marido. De noite, o árabe a levou a um restaurante egípcio para jantar, acompanhou-a de volta ao prédio residencial e se despediu dela com um beijo no rosto debaixo do jacarandá no jardim.

Na manhã seguinte, Towfik foi a uma agência dos correios e despachou um telegrama codificado para seu tio em Roma:

SCHULZ RECEBIDO AEROPORTO POR SUSPEITO AGENTE LOCAL. PASSOU DOIS DIAS VISITANDO CIDADE. APANHADO PELO AGENTE ANTES MENCIONADO E LEVADO DIREÇÃO QATTARA. VIGILÂNCIA MALOGRADA. AGORA VIGIANDO ESPOSA.

Towfik estava de volta a Zamalek às 9 horas. Às 11h30, avistou a senhora Schulz tomando café numa varanda e conseguiu deduzir qual era seu apartamento.

Na hora do almoço, o interior do Renault estava terrivelmente quente. Towfik comeu uma maçã e tomou uma garrafa de cerveja morna.

O professor Schulz chegou no fim da tarde, no mesmo Mercedes cinza. Parecia cansado, um tanto amarfanhado, como um homem de meia-idade que viajara demais. Saltou do carro e entrou no prédio sem olhar para trás. Depois de deixá-lo, o agente passou pelo Renault e, por um instante, olhou direto para Towfik. Não havia nada que pudesse fazer para evitá-lo.

Onde Schulz estivera? Towfik calculou que passara quase um dia inteiro para chegar ao tal lugar, permanecera lá durante a primeira noite, depois um dia inteiro e mais uma noite, gastando a maior parte do último dia para voltar. Qattara era apenas uma entre várias possibilidades. A estrada do deserto se estendia até Matruh, na costa mediterrânea; havia um desvio para Karkur Tohl, ao sul, e, trocando de carro e tendo um guia pelo deserto, poderiam até ter ido a um encontro na fronteira com a Líbia.

Os Schulz tornaram a sair às 21 horas. O professor parecia revigorado.

O casal estava vestido para jantar. Andaram por uma curta distância e fizeram sinal para um táxi.

Towfik tomou uma decisão. Não os seguiu.

Saiu do carro e entrou no jardim do prédio. Avançou pelo gramado ressecado e encontrou um bom ponto de observação, atrás de uma moita, de onde podia ver o saguão através da porta aberta. O zelador núbio estava sentado num banco de madeira baixo, cutucando o nariz.

Towfik esperou.

Vinte minutos depois, o homem deixou o banco e desapareceu nos fundos do prédio.

Towfik entrou rapidamente, atravessou o saguão e subiu a escada sem fazer barulho.

Tinha três chaves mestras, mas nenhuma se ajustou à fechadura do apartamento 3. No fim, conseguiu abrir a porta com um pedaço de plástico que tirou de um esquadro escolar quebrado. Entrou no apartamento e fechou a porta.

Já estava bastante escuro lá fora. Um pouco de claridade de um poste da rua entrava pela janela sem cortina. Towfik tirou uma lanterna pequena do bolso da calça, mas não a acendeu de imediato.

O apartamento era grande e arejado, com paredes brancas e móveis coloniais ingleses. Tinha a aparência fria de um lugar em que ninguém morava. Havia uma sala de estar grande, uma sala de jantar, três quartos e uma cozinha. Depois de verificar rapidamente todos os aposentos, Towfik se pôs a revistá-los.

Os dois quartos menores estavam vazios. No maior, Towfik vasculhou todas as gavetas e armários. O guarda-roupa continha uma coleção de vestidos um tanto espalhafatosos – com lantejoulas ou estampas brilhantes e muito turquesa, laranja e rosa – de alguém que já passara pela melhor fase da vida. As etiquetas eram americanas. O telegrama dissera que a nacionalidade de Schulz era austríaca, mas isso não os impediria de morar nos Estados Unidos. Towfik nunca o ouvira falar nada.

Na mesinha de cabeceira havia um guia do Cairo em inglês, um exemplar da *Vogue* e um impresso com um artigo sobre isótopos.

O que significava que Schulz era cientista.

Towfik deu uma olhada no artigo. A maior parte estava além de sua compreensão. Calculou que Schulz fosse químico ou físico. Se estivesse ali para trabalhar em armamentos, Tel Aviv iria querer saber.

Não havia documentos pessoais. Evidentemente, Schulz levava o passaporte e a carteira no bolso. As etiquetas da companhia aérea haviam sido removidas do jogo de malas.

Numa mesa baixa, na sala de estar, dois copos cheiravam a gim. Os Schulz deviam ter tomado um drinque antes de sair.

No banheiro, Towfik encontrou as roupas que Schulz usara no deserto. Havia bastante areia nos sapatos. Nas bainhas da calça ele descobriu pequenas manchas cinzentas, empoeiradas, que poderiam ser de cimento. No bolsinho do paletó amarrado, havia uma caixinha azul de plástico de pouca espessura, com cerca de 4 centímetros de lado e de altura. Continha um envelope do tipo usado para proteger filme fotográfico.

Towfik a pegou.

As etiquetas da companhia aérea estavam numa cesta de lixo no pequeno vestibulo. O endereço dos Schulz era em Boston, Massachusetts, o que provavelmente significava que o professor lecionava em Harvard, no Instituto de Tecnologia de Massachusetts ou em alguma das universidades menores da região. Towfik fez um cálculo rápido: Schulz devia estar na casa dos 20 anos durante a segunda Guerra Mundial. Portanto, poderia ter sido um dos técnicos em foguetes alemães que foram para os Estados Unidos depois da guerra.

Ou não. Não era preciso ter sido nazista para trabalhar para os árabes.

Nazista ou não, Schulz era do tipo econômico: o sabonete, a pasta de dentes e a loção pós-barba eram todos de aviões e hotéis.

No chão da sala de estar, ao lado de uma cadeira de palha, havia um bloco de papel pautado, com a folha de cima em branco. Um lápis fora deixado em cima do bloco. Talvez Schulz houvesse feito notas sobre a viagem enquanto tomava o gim. Towfik revistou o apartamento à procura de folhas arrancadas do bloco.

Encontrou-as na varanda, queimadas até virarem cinzas, num cinzeiro grande.

A noite estava fria. No fim do ano, o ar ficaria mais quente, recendendo à fragrância do jacarandá no jardim lá embaixo. A distância, ouvia-se o tráfego da cidade. Towfik se lembrou do apartamento de seu pai em Jerusalém e pensou quanto tempo se passaria antes que visse de novo a cidade.

Já fizera tudo o que podia ali. Tornaria a verificar o bloco pautado, para descobrir se o lápis de Schulz fizera pressão suficiente para deixar marcas na folha seguinte. Virou-se e atravessou a varanda, até as portas francesas que davam para a sala de estar.

Estava com a mão na porta quando ouviu vozes.

Ficou paralisado.

– Sinto muito, meu bem, mas eu simplesmente não suportaria outro bife passado demais.

– Mas poderíamos ter comido alguma coisa, pelo amor de Deus.

Os Schulz estavam de volta.

Towfik refez mentalmente seu caminho pelo apartamento: quartos, banheiro, sala de estar, cozinha... Repusera no lugar tudo em que mexera, exceto a caixinha de plástico – que não poderia ter deixado de pegar. Schulz presumiria que a perdera.

Se conseguisse escapar sem ser visto, talvez nunca soubessem que ele estivera ali.

Debruçou-se sobre o parapeito da varanda. Estava escuro demais para avistar o chão. Pendurou-se para fora, segurando-se com as pontas dos dedos, e largou. Caiu sem perder o equilíbrio e tratou de se afastar o mais depressa possível.

Fora o seu primeiro arrombamento e ele ficara satisfeito. Tudo transcorreria bem, como um exercício de treinamento, até mesmo o retorno prematuro dos ocupantes do apartamento e a súbita escapada do espião por uma saída de emergência. Ele sorriu no escuro. Talvez ainda vivesse o suficiente para conhecer aquele trabalho burocrático.

Towfik entrou no carro, ligou o motor e acendeu as luzes. Dois homens saíram das sombras e se postaram nos dois lados do Renault.

Quem...?

Ele não esperou para descobrir o que estava acontecendo. Engrenou a primeira e arrancou. Os dois homens recuaram imediatamente.

Não fizeram nenhuma tentativa para detê-lo. Então por que estavam ali? Para ter certeza de que ele permaneceria no carro...?

Afundou o pé no freio e olhou para o banco de trás. E foi então que descobriu, com uma tristeza insuportável, que nunca mais tornaria a ver Jerusalém.

Um árabe alto, de terno escuro, sorria para ele por cima do cano de uma pequena pistola.

– Siga em frente – ordenou, em árabe. – Mas não muito depressa, por favor.

P: Qual é o seu nome?

R: Towfik el-Masiri.

P: Descreva a si mesmo.

R: Idade: 26 anos; 1,75 metro de altura; 80 quilos; olhos castanhos; cabelo preto; feições semitas; moreno-claro.

P: Para quem trabalha?

R: Sou estudante.

P: Que dia é hoje?

R: Sábado.

P: Qual é a sua nacionalidade?

R: Sou egípcio.

P: Quanto é 20 menos 7?

R: Treze.

As perguntas acima visam a facilitar a calibragem do detector de mentiras.

P: Você trabalha para a CIA?

R: Não. (VERDADEIRO)

P: Para os alemães?

R: Não. (VERDADEIRO)

P: Para Israel, então?

R: Não. (FALSO)

P: É realmente um estudante?

R: Sou. (FALSO)

P: Fale-me dos seus estudos.

R: Estou estudando química na Universidade do Cairo. (VERDADEIRO)
Estou interessado em polímeros. (VERDADEIRO) Quero ser engenheiro petroquímico. (FALSO)

P: O que são polímeros?

R: Compostos orgânicos complexos de cadeia molecular longa. O mais comum é o polietileno. (VERDADEIRO)

P: Qual é o seu nome?

R: Já falei. Towfik el-Masiri. (FALSO)

P: Os eletrodos em sua cabeça e seu peito medem pulsação, batimentos cardíacos, respiração e transpiração. Quando mente, seu metabolismo o trai, pois você respira mais depressa, transpira mais e assim por diante. Esta máquina, presente dos nossos amigos russos, revela quando você está mentindo. Além disso, sei que Towfik el-Masiri está morto. Quem é você?

R: (SEM RESPOSTA)

P: O fio preso na ponta de seu pênis é de uma outra máquina. Está ligada a este botão. E quando eu aperto o botão...

R: (GRITO)

P: ... uma corrente elétrica passa pelo fio e lhe dá um choque. Pusemos seus pés num balde com água, a fim de aumentar a eficiência do aparelho. Qual é o seu nome?

R: Avram Ambache.

O aparelho elétrico interfere no funcionamento do detector de mentiras.

P: Pegue um cigarro.

R: Obrigado.

P: Acredite ou não, detesto este trabalho. O problema é que as pessoas que gostam dele jamais prestam para realizá-lo. É preciso ter sensibilidade. E sou uma pessoa sensível... detesto ver os outros sofrendo. Não é o que acontece com você também?

R: (SEM RESPOSTA)

P: Neste momento, você está tentando pensar em meios de resistir. Por favor, não se dê esse trabalho. Não há defesa contra as técnicas modernas de... entrevista. Qual é o seu nome?

R: Avram Ambache. (VERDADEIRO)

P: Quem é o seu controle?

R: Não sei o que quer dizer com isso. (FALSO)

P: É Bosch?

R: Não, Friedman. (REGISTRO INDETERMINADO)

P: É Bosch.

R: É, sim. (FALSO)

P: Não, não é Bosch. É Krantz.

R: Está bem, é Krantz... qualquer coisa que quiser. (VERDADEIRO)

P: Como faz contato?

R: Tenho um rádio. (FALSO)

P: Não está me dizendo a verdade.

R: (GRITO)

P: Como faz contato?

R: Uma caixa de correio para cartas devolvidas no subúrbio.

P: Agora você está pensando que, quando sente dor, o detector de mentiras não funciona direito, de forma que a tortura de certa forma o ajuda. Está apenas parcialmente certo. Esta é uma máquina muito sofisticada e passei meses aprendendo a usá-la da maneira apropriada. Depois que lhe dou um choque, leva apenas alguns instantes para reajustar a máquina ao seu metabolismo mais acelerado. E

posso então voltar a determinar quando você está mentindo. Como faz contato?

R: Uma caixa... (GRITO)

P: Ali! Ele conseguiu desvencilhar os pés... Essas convulsões são muito fortes. Amarre-o de novo antes que ele se recupere. E pegue esse balde e ponha mais água.

(PAUSA)

Tudo bem. Ele já está recobrando os sentidos. Saia agora. Está me ouvindo, Towfik?

R: (INDISTINTO)

P: Qual é o seu nome?

R: (SEM RESPOSTA)

P: Uma pequena pontada para ajudá-lo...

R: (GRITO)

P: ... a pensar.

R: Avram Ambache.

P: Que dia é hoje?

R: Sábado.

P: O que lhe demos para comer de manhã?

R: Favas.

P: Quanto é 20 menos 7?

R: Treze.

P: Qual é a sua profissão?

R: Sou estudante. Não, por favor, e espião, também sou espião, não toque no botão, por favor, ah, meu Deus, ah, meu Deus...

P: Como faz contato?

R: Telegramas em código.

P: Pegue um cigarro. Aqui está... Parece que não consegue segurá-lo entre os lábios... deixe-me ajudá-lo... assim.

R: Obrigado.

P: Procure apenas permanecer calmo. Lembre-se de uma coisa: enquanto estiver dizendo a verdade, não haverá dor.

R: (PAUSA)

P: Está se sentindo melhor?

R: Estou.

P: Eu também estou. Agora fale-me a respeito do professor Schulz. Por que o seguia?

R: Recebi ordens. (VERDADEIRO)

P: De quem em Tel Aviv?

R: Não sei. (REGISTRO INDETERMINADO)

P: Mas pode imaginar.

R: Bosch. (REGISTRO INDETERMINADO)

P: Ou Krantz?

R: É possível. (VERDADEIRO)

P: Krantz é uma boa pessoa. Merece toda a confiança. Como vai a esposa dele?

R: Vai bem... (GRITO)

P: A esposa dele morreu em 1958. Por que me obriga a machucá-lo? O que Schulz fez?

R: Passou dois dias visitando os pontos turísticos da cidade, depois desapareceu no deserto num Mercedes cinza.

P: E você arrombou o apartamento dele.

R: Isso mesmo. (VERDADEIRO)

P: O que descobriu?

R: Ele é cientista. (VERDADEIRO)

P: E que mais?

R: Americano. (VERDADEIRO) Isso é tudo. (VERDADEIRO)

P: Quem foi seu instrutor no treinamento?

R: Ertl. (REGISTRO INDETERMINADO)

P: Mas esse não era o verdadeiro nome dele.

R: Não sei. (FALSO) Não! Não aperte o botão de novo, deixe-me pensar um minuto, acho que alguém disse que o nome verdadeiro dele era Manner. (VERDADEIRO)

P: Ah, sim, Manner... é uma pena. Ele é do tipo antiquado. Ainda acredita que é possível treinar agentes para resistir a um interrogatório. A culpa é dele se você está sofrendo tanto agora. E o que me diz dos seus companheiros? Quem foi treinado junto com você?

R: Nunca soube o nome verdadeiro deles. (FALSO)

P: Não soube?

R: (GRITO)

P: Os nomes verdadeiros.

R: Não de todos...

P: Diga-me os que conhece.

R: (SEM RESPOSTA)

(GRITO)

O prisioneiro desmaiou.

(PAUSA)

P: Qual é o seu nome?

R: Anh... Towfik. (GRITO)

P: O que comeu de manhã?

R: Não sei.

P: Quanto é 20 menos 7?

R: Vinte e sete.

P: O que disse a Krantz sobre o professor Schulz?

R: Visita a pontos turísticos... Deserto Ocidental... vigilância malograda...

P: Quem treinou com você?

R: (SEM RESPOSTA)

P: Quem treinou com você?

R: (GRITO)

P: Quem treinou com você?

R: Mesmo que eu ande pelo vale das sombras da morte...

P: Quem treinou com você?

R: (GRITO)

O prisioneiro morreu.

Quando Kawash pediu um encontro, Pierre Borg compareceu. Não houve discussão sobre horários e lugares: Kawash enviava uma mensagem comunicando o ponto de encontro e a hora, e Borg dava um jeito de comparecer. Kawash era o melhor agente duplo que Borg já tivera e ponto final.

À espera de Kawash, o chefe do Mossad ficou parado na plataforma sentido norte da linha Bakerloo na estação Oxford Circus do metrô, lendo um anúncio de um ciclo de conferências sobre teosofia. Não tinha a menor ideia do motivo pelo qual o árabe escolhera Londres para o encontro; não tinha a menor ideia do que ele dissera aos superiores que faria na capital inglesa; não tinha a menor ideia sequer do motivo pelo qual Kawash era um traidor. Mas aquele homem ajudara Israel a vencer duas guerras e evitar uma terceira. Borg precisava dele.

Borg correu os olhos pela plataforma procurando alguém alto de cabelo castanho e nariz grande e fino. Já supunha de qual assunto Kawash queria tratar. E esperava estar certo.

Borg estava extremamente preocupado com o caso de Schulz. Começara

como uma providência de vigilância rotineira, o tipo certo de missão para o seu agente mais novo e mais inexperiente no Cairo: um físico americano importante em férias na Europa decide fazer uma visita ao Cairo. O primeiro sinal de alerta surgira quando Towfik perdeu a pista de Schulz. Nesse momento, Borg acelerou a atividade na missão. Um jornalista independente de Milão que ocasionalmente fazia investigações para o serviço secreto alemão descobriu que a passagem de avião de Schulz para o Cairo fora paga pela esposa de um diplomata egípcio em Roma. Depois, a CIA entregou ao Mossad uma série de fotografias de rotina tiradas por satélite da área em torno de Qattara e nelas apareciam indícios de construções. Borg logo se lembrou de que Schulz seguia na direção de Qattara quando Towfik o perdeu.

Alguma coisa vinha acontecendo e ele não sabia o que era. Isso o deixava preocupado.

Ele sempre estava preocupado. Se não eram os egípcios, eram os sírios; se não eram os sírios, eram os *fedayin*; se não eram os inimigos, eram os amigos e a questão de saber por quanto tempo a amizade ainda duraria. Seu trabalho o deixava permanentemente preocupado. Mas a mãe comentara em certa ocasião: “Trabalho *coisa nenhuma*. Já *nasceu* preocupado. Nisso, é igualzinho ao pai. Se fosse *jardineiro*, estaria constantemente preocupado com o trabalho do mesmo jeito.”

Ela podia estar certa, mas isso não impedia que a paranoia fosse a única atitude mental racional para um chefe de espões.

E agora Towfik parara de fazer contato, o que era ainda mais preocupante. Talvez Kawash tivesse algumas respostas.

Um trem se aproximou ruidosamente. Borg não estava ali para tomar a condução. Começou a ler créditos num cartaz de filme. Metade dos nomes era de judeus. *Talvez eu devesse ter sido produtor de cinema*, pensou.

O trem se afastou e uma sombra se projetou sobre Borg. Ele levantou os olhos e deparou com o rosto tranquilo de Kawash.

– Obrigado por ter vindo – disse o árabe.

Era o que ele sempre dizia. Borg ignorou a frase; nunca sabia como responder a agradecimentos.

– Quais são as novidades?

– Tive de pegar um dos seus rapazes no Cairo na sexta-feira.

– *Teve?*

– O serviço secreto militar estava protegendo um VIP e percebeu que o

garoto o seguia. Os militares não têm pessoal operacional na cidade, então pediram ao meu departamento que o detivesse. Foi uma solicitação oficial.

– Ah, meu Deus! – balbuciou Borg, sinceramente angustiado. – O que aconteceu com ele?

– Tive que agir de acordo com o protocolo – respondeu Kawash. Parecia muito triste. – O garoto foi interrogado e morto. O nome dele era Avram Ambache, mas operava como Towfik el-Masiri.

Borg franziu o cenho.

– Ele contou o nome verdadeiro?

– Ele está morto, Pierre.

Borg balançou a cabeça, irritado. Kawash sempre insistia nos aspectos pessoais.

– Por que ele revelou o nome?

– Estamos usando o equipamento russo... choque elétrico combinado com detector de mentiras. Não está treinando seus agentes para enfrentarem isso.

Borg soltou uma risada brusca.

– Se falássemos sobre isso, jamais conseguiríamos recrutar ninguém. O que mais ele revelou?

– Nada que não soubéssemos. Ia falar, mas tratei de matá-lo antes.

– *Você* o matou?

– Conduzi pessoalmente o interrogatório, assim pude impedir que ele dissesse algo importante. Agora fazem gravações e arquivam transcrições dessas conversas. Aprendendo com os russos.

A tristeza pareceu se aprofundar nos olhos castanhos de Kawash.

– Por que perguntou? Preferiria que eu encarregasse outra pessoa de matar os seus rapazes?

Borg o fitou por um instante, depois desviou os olhos. Mais uma vez, teve que desconsiderar o aspecto sentimental da situação.

– O que o garoto descobriu a respeito de Schulz?

– Um agente levou o professor ao Deserto Ocidental.

– Sim, mas para quê?

– Não sei.

– Mas deve saber. Afinal, está no serviço secreto egípcio!

Borg tratou de controlar a irritação. *Deixe o homem fazer as coisas no próprio ritmo*, disse a si mesmo; *qualquer que seja a informação que ele tiver, acabará revelando*.

– Não sei o que estão fazendo por lá porque organizaram um grupo

especial para cuidar do assunto – contou Kawash. – Meu departamento não está informado.

– Tem alguma ideia do motivo para isso?

O árabe deu de ombros.

– Eu diria que não querem que os russos saibam. Atualmente, Moscou toma conhecimento de tudo que passa por nossas mãos.

– Isso é tudo o que Towfik conseguiu descobrir? – questionou Borg, deixando transparecer sua decepção.

– O garoto morreu por sua causa – ressaltou o outro, sua fala suave dando lugar à raiva.

– Vou agradecer-lhe no céu. Ele morreu em vão?

– Ele pegou isto no apartamento de Schulz.

Kawash tirou a mão de dentro do paletó e entregou a Borg uma caixinha azul de plástico.

– Como sabe onde ele conseguiu isto? – indagou Borg, pegando a caixinha.

– Tem as impressões de Schulz. E prendemos Towfik logo depois que ele arrombou o apartamento.

Borg abriu a caixa e examinou o envelope à prova de luz. Não estava lacrado. Ele tirou o negativo fotográfico.

– Abrimos o envelope e revelamos o filme – disse o árabe. – Não tem nada.

Com uma profunda sensação de satisfação, Borg tornou a guardar o negativo e meteu a caixinha no bolso. Agora tudo fazia sentido; agora ele compreendia; agora sabia o que tinha de fazer. Um comboio se aproximou e ele perguntou:

– Quer pegar esse trem?

Kawash franziu de leve o rosto, assentiu e se encaminhou para a beirada da plataforma, enquanto o trem parava e as portas se abriam. Ele embarcou, mas se virou para dizer:

– Não tenho a menor ideia do que seja essa caixa.

Borg pensou: *Você não gosta de mim, mas eu o acho sensacional*. Deu um sorriso sutil para o árabe enquanto as portas do trem do metrô começavam a se fechar.

– Pois eu sei o que é – revelou.

CONHEÇA OS LIVROS DE KEN FOLLETT

Os pilares da Terra (e-book)

Mundo sem fim

Coluna de fogo

Um lugar chamado liberdade

As espãs do Dia D

Noite sobre as águas

O homem de São Petersburgo

A chave de Rebecca

O voo da vespa

Contagem regressiva

O buraco da agulha

O SÉCULO

Queda de gigantes

Inverno do mundo

Eternidade por um fio

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro, visite o nosso site. Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br

